

**ESPAÇO(S) E TERRITORIALIDADES:
DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO À APROPRIAÇÃO DA/NA
LÍNGUA PELA ESCRIT(UR)A**

Sara dos Santos Mota¹

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma articulação conceitual desenvolvida em um dos capítulos de nossa tese de doutorado (MOTA, 2014), em que nos voltamos para o estudo do portunhol e sua materialização na escrita a partir das publicações “Noite nu Norte: Poemas en Portuñol” (2010) e “Viento de Nadie” (2012), de Fabián Severo, e “Dá gusto andar desnudo por estas selvas: Sonetos Salvajes” (2002) e “Uma flor na solapa da miséria” (2005), de Douglas Diegues. Para o desenvolvimento da articulação proposta, recorreremos ao aporte de teóricos inseridos no campo dos estudos geográficos, bem como ao de estudiosos que apresentam uma visão sociológica do fenômeno fronteira, para retomar o movimento conceitual que nos permitiu chegar à noção de território fronteiro em Mota (2010), remobilizando-o, atualizando-o, procurando dar conta da especificidade das publicações através das quais toma corpo uma escrita em portunhol.

Considerações iniciais

Escrever é apropriar-se de um espaço, aquele em branco da página, e é também apropriar-se da língua, pois é uma forma de colocá-la em funcionamento pela enunciação. Para Benveniste (1989, p. 84), “enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação”. Pensar no dizer do sujeito que enuncia por meio da escrita é também pensar na sua relação com a língua e com a exterioridade.

Ao empreender uma reflexão sobre a prática da escrita e seu lugar na cultura ocidental moderna, De Certeau (1998, p.225, grifo nosso) designa como escritura “a **atividade** concreta que consiste, sobre o **espaço** próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”. A definição aportada por De Certeau (1998) nos interessa na medida em que trata a página como um espaço único, sobre o qual o sujeito atua e o transforma, um lugar de produção. Pela atividade da escritura, o domínio do homem exprime-se sobre a folha de papel, a qual adquire uma nova configuração, produto do fazer

¹Sara dos Santos Mota, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Doutora, saramota@unipampa.edu.br.



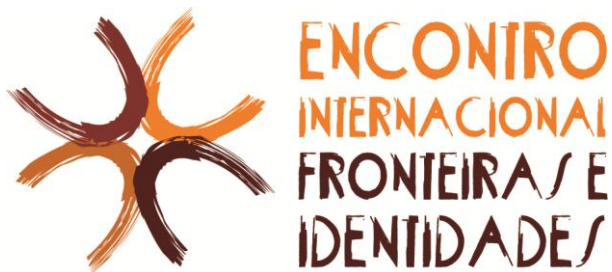
escriturístico. O espaço da página é, então, transformado, reconfigurado por um sujeito que, pela enunciação, apropria-se daquele pela língua.

Partindo dessas considerações, este trabalho tem como objetivo apresentar uma articulação conceitual desenvolvida em um dos capítulos de Mota (2014), em que nos voltamos para o estudo do portunhol e sua materialização na escrita a partir das publicações “*Noite nu Norte: Poemas en Portuñol*” (2010) e “*Viento de Nadie*” (2012), de Fabián Severo, e “*Dá gusto andar desnudo por estas selvas: Sonetos Salvajes*” (2002) e “*Uma flor na solapa da miséria*” (2005), de Douglas Diegues.

Para o desenvolvimento da articulação proposta, recorreremos ao aporte de teóricos inseridos no campo dos estudos geográficos, bem como ao de estudiosos que apresentam uma visão sociológica do fenômeno fronteira, para retomar o movimento conceitual que nos permitiu chegar à noção de território fronteiriço em Mota (2010), remobilizando-o, atualizando-o, para dar conta da especificidade de publicações através das quais toma corpo uma escrita em portunhol.

Iniciando por Corrêa (2002), que teoriza sobre o conceito de “novas territorialidades” ou “re-territorialidades”, delineamos como a fronteira, enquanto espaço de territorialidades diferenciadas e territorializações, re-cria-se, re-institui-se material e simbolicamente nessas publicações. Um novo território pode ser criado “seja através da reconstrução parcial, *in situ*, de velhos territórios, seja por meio da recriação parcial, em outros lugares, de um território novo que contém, entretanto, parcela das características do velho território” (CORRÊA, 2002, p.252). Nesse sentido, sustentamos que o ato de apropriação da língua pelo sujeito fronteiriço que enuncia em portunhol pela escrita é um ato de apropriação do espaço das páginas que compõem cada publicação e, por sua vez, um movimento de re-territorialização da fronteira pela língua. Para Raffestin (1993), a atividade linguística como qualquer outra, desenvolve-se inserida em uma dimensão espacial e temporal, envolvendo a produção de espaços territorializados.

Para melhor discutir neste artigo uma noção de territorialidade que explique a relação de uma escrita em portunhol com uma re-territorialização da fronteira, trazemos a seguir contribuições de alguns pesquisadores do domínio dos estudos geográficos, tecendo imbricações entre conceitos que consideramos fundamentais, como os de **espaço, território, territorialidades e fluxos**.



Espaço, território, territorialidades

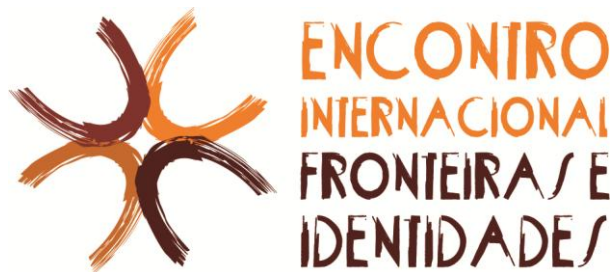
Tradicionalmente, diversos pesquisadores têm procurado definir as noções de **espaço** e **território**, noções chave para a geografia, conceituando-as de diferentes perspectivas. Conforme Haesbaert (2002), o espaço e suas formas de organização social têm sido resgatados em outras áreas das ciências sociais além da Geografia, sendo contemplados, por exemplo, em produções acadêmicas da História e da Sociologia.

Começaremos pela retomada de algumas definições para as noções de **espaço** e **território**, na medida em que estas surgem atreladas uma à outra. Segundo Haesbaert et. al (2005), uma visão mais tradicional concebe o território reduzido à sua dimensão jurídico-administrativa, vinculada à delimitação e ao controle de áreas geográficas pelo Estado.

Historicamente, a concepção de território circunscrita aos limites do estado surge na modernidade ligada à noção de soberania e à formação dos Estados Nacionais, estabilizando-se nos séculos XVIII e XIX. Para estabelecer-se, o Estado Moderno precisou sustentar sua soberania em uma base territorial, delimitada e demarcada por uma fronteira de tipo linear (STEIMAN E MACHADO, 2012). Segundo Machado (2011, p.3), em referência à abordagem proposta pelo cientista político Friedrich Kratochwil (1986), “os Estados modernos constituem um sistema (entre outros) de organização social, caracterizando-se por pertencer a uma ordem de tipo territorial.”.

Na continuidade de nossa reflexão, retomamos as teorizações feitas no campo da Geografia a respeito de **espaço** e **território** e a necessidade de distingui-los conceitualmente. Esses termos não devem ser tomados como equivalentes, devido à anterioridade do primeiro em comparação ao segundo, pois o território se funda a partir do espaço, é produto da ação de sujeitos que atuam sobre ele, “é o resultado de uma ação de atores sintagmáticos” nos termos de Raffestin (1993, p.143). O que promove a conversão do espaço em território é sua apropriação (concreta ou abstrata), sua territorialização. O território surge, então, como produção, limitado pelo próprio homem, determinadamente constituído por relações de poder (RAFFESTIN, 1993).

Novamente sobre o espaço, trazemos as considerações de Santos (1997), que o relaciona com as noções de paisagem. Para este geógrafo, o espaço enquanto efeito da

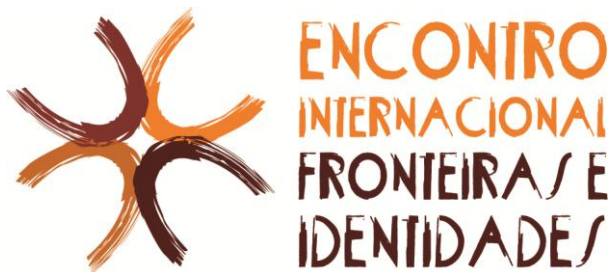


produção humana configura-se por meio de objetos naturais e artificiais, sendo a relação entre o homem e a natureza de ordem cultural, mas também política, técnica, etc.

No que concerne à atuação do homem sobre o espaço, coloca em jogo uma série de forças produtivas, as quais se reproduzem nos diferentes tipos de paisagem. Tais forças são de ordem material e imaterial. O conhecimento, por exemplo, pode ser considerado uma força produtiva (SANTOS, 1997). Ao nos interessarmos pelos objetos que definem os contornos dos espaços geográficos das fronteiras uruguaio-brasileira e paraguaio-brasileira, como resultados de forças produtivas, cotejando-os com o espaço da página das publicações analisadas em Mota (2014), é importante observar as técnicas e saberes que viabilizam sua modificação.

Podemos citar o exemplo das cidades de Santana do Livramento e Rivera, localizadas respectivamente no Brasil e no Uruguai, e das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, situadas no Brasil e no Paraguai. Nas duas primeiras, para assinalar a linha imaginária que determina onde inicia e termina cada país, edificaram-se marcos ao longo de uma extensa área os quais desenham o contorno dos limites territoriais. Nas últimas, mencionamos o monumento à amizade (*monumento a la amistad*), erguido na avenida internacional, na divisa entre a cidade paraguaia e a brasileira, ou ainda, os postes com bandeiras hasteadas dos dois países distribuídos ao longo da mesma avenida. Essas intervenções físicas são resultado da ação humana na figura dos Estados, pois são os símbolos do domínio deste sobre o espaço. Assim como por meio de técnicas o homem incorre sobre o espaço geográfico ao transformá-lo, o espaço da página em branco também é modificado pela técnica da escrita, recebendo novos contornos.

Ainda acerca da noção de espaço, é preciso considerar a presença de **fixos** e **fluxos**: “Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço.” (SANTOS, 1997, p.77). Também nos espaços fronteiriços, os fixos organizam a direção dos fluxos, direcionando a dinâmica e a circulação das populações que aí residem ou transitam. No caso da tríplice fronteira, Brasil-Argentina-Paraguai, os estabelecimentos comerciais situados na região adjacente à Ponte da Amizade na cidade paraguaia de Ciudad del Este, sejam eles formais ou informais, funcionam como fixos que atraem milhares de pessoas cotidianamente em busca de produtos importados



com preços competitivos vendidos no local, orientando os fluxos que ocorrem entre as três cidades fronteiriças e que tem como ponto central de passagem a Ponte da Amizade.

Quanto ao conceito de fluxos, amplamente desenvolvido no Brasil pelo geógrafo Milton Santos, esse tem cobrado uma crescente importância nas Ciências Sociais, conforme aponta Albuquerque (2011). O pesquisador apresenta um panorama interdisciplinar de pesquisas em zonas de fronteira – raia luso-espanhola e Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai) -, partindo de publicações recentes na área de Ciências Sociais². Entre os temas e questões que tem surgido nos textos examinados pelo autor, notam-se aspectos fundamentais, entre os quais se destacam os **fluxos**, analisando-os em relação a produtos e pessoas nas zonas de limites internacionais. Esses trabalhos, focados no estudo dos circuitos de mercadorias e pessoas, trazem uma abordagem das fronteiras políticas e culturais, em perspectivas que enfatizam o movimento e a diferença.

Dado o exposto, propomos tomar o conceito de **fluxos** no âmbito dos estudos linguísticos para compreender certos tipos de dinâmicas que se dão nos espaços fronteiriços. Essas dinâmicas mobilizam também sujeitos em relação às línguas. Assim como tais sujeitos atravessam fronteiras constantemente, movem-se constantemente entre línguas da fronteira, sejam estas línguas as nacionais ou práticas linguísticas reconhecidas localmente. Estabelecer uma abordagem linguística dos **fluxos** que contemple a enunciação e a produção de sentidos, implica também em pensar no movimento de sentidos materializado em cada acontecimento enunciativo. Nessa direção, podemos pensar nos fluxos como elementos organizadores dos sentidos na língua pelo sujeito no espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2005) dinâmicas que nos permitem interpretar “esquemas locais de significação”³ produzidos nos espaços fronteiriços.

Para retornar à discussão sobre o par espaço-território e aprofundá-la, trazemos a noção de **territorialidade**, pois é por meio dessa que espaço e território diferenciam-se. Como apropriação do espaço, a territorialidade pode ser múltipla. Fala-se então em territorialidades, pois muitas são as formas de poder e os sujeitos que os exercem na

²O recorte contemplado por Albuquerque (2011) parte, fundamentalmente, da produção de dois grupos de pesquisa, que incluem investigadores de diversas áreas das Ciências Sociais e de diferentes países: *El discurso geopolítico de las fronteras en la construcción sócio-política de las identidades nacionales: el caso de la frontera hispano-portuguesa en los siglos XIX e XX* e Observatório da Tríplice Fronteira: sociologia, antropologia e estudos transnacionais.

³Conforme utilizado por Hannerz (1997, p. 19).



construção de territórios: indivíduos, grupos sociais, o Estado, as empresas, instituições como a Igreja, etc. (HAESBAERT, 2004). No cenário atual, por exemplo, o Mercosul como instituição transnacional que controla fluxos econômicos e comerciais entre os países membros do bloco ocasiona um reordenamento do espaço, produzindo novas territorialidades e redefinido as fronteiras entres os estados. Segundo Grimson (2005, p.45), “los estados nacionales en el marco del Mercosur están transformando las fronteras interestatales. Más que frente a un proceso de “desterritorialización”, estamos frente a la sustitución de un modelo de territorialización por otro”.

Para a compreensão dos processos de territorialização ocorridos nos espaços fronteiriços, é fundamental entender a noção de territorialidade concebendo seus possíveis desdobramentos. Nessa direção, as sociedades fronteiriças e suas diferentes práticas, incluindo as práticas linguístico-enunciativas, podem constituir formas materiais ou simbólicas de apropriação do espaço, o que leva os sujeitos fronteiriços a vivenciarem experiências territoriais não-convencionais.

O contrabando, por exemplo, enquanto gerador de fluxos, é uma das práticas constitutivas das fronteiras referenciadas em muitos trabalhos que focalizam vários contextos históricos, assumindo significações⁴. Colvero (2004), por exemplo, mostra a importância histórica dessa prática para o desenvolvimento da vila de Uruguaiana e de outros núcleos urbanos situados às margens do rio Uruguai na fronteira com o Uruguai e com a Argentina no século XIX. Bentancor (2010), ao discorrer sobre a fronteira do Uruguai com o Brasil, afirma que a população fronteiriça trata o contrabando com naturalidade, como um processo *arraigado* no âmbito fronteiriço.

Em uma região de fronteira constituída por cidades gêmeas como Ponta Porã e Pedro Juan Caballero ou Santana do Livramento e Rivera, dispostas nas fronteiras Brasil-Paraguai e Brasil-Uruguai respectivamente, definem no mesmo espaço territorialidades que assinalam o lugar dos Estados nacionais e também aquelas que significam a fronteira como um espaço particular de manifestações culturais e práticas sociais próprias, que ultrapassam os limites geopolíticos.

⁴ A respeito da fronteira luso-espanhola, ver Albuquerque (2011). Dorfman (2009) apresenta uma interessante retomada da questão do contrabando no contexto europeu, destacando pesquisas realizadas na França sobre a figura de Louis Madrin, entre outros aspectos.



No caso da fronteira uruguaio-brasileira, a figura dos Estados nacionais marca-se pela existência de órgãos oficiais como os consulados do Brasil e do Uruguai, a aduana e a polícia federal, unidades administrativas como as prefeituras, *intendencias* e *alcaldías*, agências dos correios de cada país, instituições de ensino, bancos e também empresas que, embora não possuam vinculação com o Estado, apoiam suas imagens na identificação com o nacional, “fixos” (SANTOS, 1997) que organizam os fluxos dentro do território de cada Estado e que contribuem para a delimitação de seu contorno.

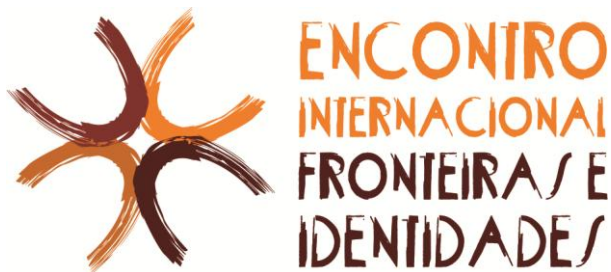
Por outro lado, a fronteira enquanto “espaço vivido”⁵ é também um “espaço de ir e vir”, tal como definiu Sturza (2011), onde os sujeitos que o habitam circulam e se movimentam em função de vínculos e conexões que estabelecem em ambos os lados da linha imaginária. Na fronteira Brasil-Paraguai, certos fluxos foram resultado de fenômenos produtivos como a sojeicultura, que predominou na região até meados da década de noventa, e a pecuária, que voltou a prevalecer nos últimos anos até os dias de hoje. Também se destacam as dinâmicas fronteiriças que se organizam em torno do comércio de reexportação e do turismo de compras, impulsionadas pela “economia de intermediação”⁶.

Esses sujeitos do “ir e vir” compartilham cotidianamente traços culturais e práticas sociais nem sempre coincidentes com aqueles organizados e legitimados pelo Estado-nação, fundando uma configuração territorial outra, que os situa enquanto fronteiriços no espaço. Nesse sentido, as línguas surgem como elementos que contribuem para a identificação territorial e para o sentido de pertencimento dos sujeitos a uma nação ou outra, ou ainda, a um espaço de convívio e mistura de identidades. Para Sturza (2011, p.103), em relação ao contexto de fronteira do extremo sul do Brasil, afirma que o portunhol “tem um funcionamento relacionado com uma necessidade de comunicação fluída para vender, para informar, para negociar, para conhecer, para interagir entre outras funções.”, simbolizando uma relação com este espaço social, marcado pelo contato das línguas.

Assim, a **territorialidade** abarca não só uma dimensão exclusivamente política, mas se refere também às relações econômicas, culturais e **linguísticas**, pois estas se ligam ao modo como as pessoas fazem uso do espaço e se organizam em torno dele, atribuindo sentidos ao lugar. Segundo Raffestin (1993, p.158), a territorialidade “reflete a

⁵Termo utilizado por Haesbaert (2002, p.70).

⁶Utilizamos esse termo a partir de Oliveira e Oddone (2012, p.156)



multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral.”.

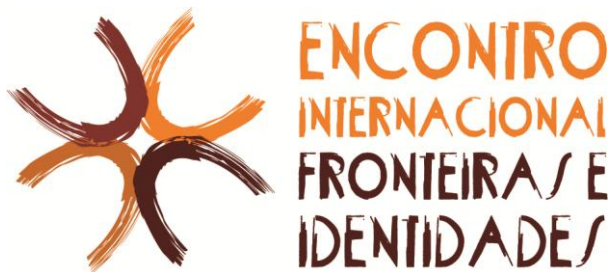
Portanto, na **territorialização** do espaço, o que há é um processo que se re-arranja ao longo do tempo de acordo com as diferentes condições sócio-históricas e com a atuação de sujeitos que acabam por demarcar territórios pelo modo como dele se apropriam, não respondendo apenas a uma determinação jurídico-administrativa (HAESBAERT et. al. 2005).

Considerações finais

Levar em conta os diferentes processos de territorialização nos ajuda a compreender como as línguas na fronteira funcionam como formas de apropriação, em um sentido simbólico, e podem operar na identificação do sujeito ora com o nacional, ora com o “espaço vivido” da **fronteira**, territorializando-o.

Do mesmo modo, contribui para fundamentar a ampliação do conceito de territorialidade da maneira como propusemos em Mota (2010; 2014) ao tomarmos a escrita de uma dada língua - no caso, a escrita do portunhol - como uma prática que altera um determinado espaço (o da página em branco) e o territorializa, ao mesmo tempo em que significa e re-territorializa as relações entre sujeitos e línguas que se dão no território geograficamente configurado. Em se tratando dos espaços fronteiriços que consideramos em Mota (2014), Brasil-Uruguai e Brasil-Paraguai, esses processos de re-territorialização mobilizam o portunhol de diferentes maneiras. Ao ser textualizado materialmente na escrita, re-constrói a **fronteira ao redizê-la** e produz sentidos (para a fronteira, para a língua, para o sujeito, etc.).

Nessa direção, enfocamos a fronteira e sua relação com formas territoriais, na medida em que pode ser ela, alternadamente, limite entre territórios e “espaço vivido”. Acreditamos que as múltiplas maneiras como os sujeitos experimentam a relações com o território, seja o nacional demarcado por limites fixos ou aquele delineado historicamente pelos fluxos da dinâmica cotidiana, os constituem, constituem também as línguas que pratica e sua distribuição na enunciação, significando-as de modo diferente. É desse modo que, a partir de Mota (2014), temos lançado nosso olhar à escrita em portunhol, especialmente em publicações literárias.



Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, J. L. C. Pesquisas em zonas de fronteiras: contextos, temas e abordagens interdisciplinares. In: COSTA, E. A.; COSTA, Gustavo V. L.; OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Fronteiras em foco**, 1 ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2011. p. 71-92. (Série Fronteiras)

BENVENISTE, E. (1970) O aparelho formal da enunciação. Tradução: Eduardo Guimarães et. al. In: **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, Editora da UNICAMP, 1989. p. 81-90.

BENTANCOR, G. Una frontera singular: la vida cotidiana en ciudades gemelas: Rivera (Uruguay) y Sant'Ana do Livramento (Brasil). In: NUÑES, A.; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. de. (Org.). **Dilemas y diálogos platinos: fronteiras**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. p. 73-105.

COLVERO, R. B. **Negócios na madrugada**: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UPF, 2004. 224 p.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. et al. (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. 5ª. ed. São Paulo, SP: HUCITEC, 2002. p. 251-256.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 351p.

DORFMAN, A. A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória. **Estudios Históricos**, Montevideo, n.1, mayo 2009.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2ª ed., 2005.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002. 186p.

_____. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, 1, 2004, Porto Alegre. [Trabalhos apresentados]. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, 2004.

HAESBAERT, R. et. al. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T. C. M. de. (Org.). **Território sem limites**: estudos sobre fronteiras. MS: Editora UFMS, 2005. p. 87-112.

HANNERZ, U. L. F. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 3, n.1, p. 7-39, 1997.

MACHADO, L. O. **Sistemas, fronteira e território**. [s.l.]: [s.n.], [20--]. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/fronteiras/pdf/LIAconceitos.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2011.

MOTA, S. S. **Línguas, sujeitos e sentidos**: o jornal nas relações fronteiriças no início do século XIX, início do século XX. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.



_____. **Portunhol e sua re-territorialização na/pela escrit(ur)a literária:** os sentidos de um gesto político. 2010. 186 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

OLIVEIRA, T. C. M. O.; ODDONE, N. Vulnerabilidades e potencialidades na fronteira mesopotâmia: o território do Brasil com o Paraguai, entre os rios Paraná e Paraguai. In: TRINCHERO, H. H.; OLIVEIRA, T. C. M. (Org.) **Fronteiras Platinas: Território e sociedade.** Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 149-177.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Tradução: Maria Cecília França. São Paulo, Editora Ática, 1993. 269p. (Série Temas, v. 29, Geografia e política)

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado:** Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 5 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

STEIMAN, R.; MACHADO, L. O. Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica. In: TRINCHERO, H.H.; OLIVEIRA, T. C. M. (Org.). **Fronteiras Platinas: Território e sociedade.** Dourados: Ed. UFGD, 2012. p.257-27.

STURZA, E. R. Fronteiras, Línguas e Sujeitos. In: COSTA, E.; COSTA, G. V.L.; OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Fronteiras em foco,** 1 ed., v.1. Campo Grande, MS: UFMS, 2011. p. 93-107. (Série Fronteiras)